

PPG LETRAS UFRGS
50 ANOS DE UMA HISTÓRIA:
RELATOS PESSOAIS



**PPG LETRAS UFRGS
50 ANOS DE UMA HISTÓRIA: RELATOS PESSOAIS**

PET Letras (orgs.)



2022

Direito autoral:

Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Todos os direitos desta edição reservados à Editora Noctua. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida – em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação, etc. – nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados sem a expressa autorização da editora.

Texto fixado conforme as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995.)

Conselho Editorial Noctua

Amanda de Campos Cerioli

Amanda Fernandes Alves

Bianca Gomes Martins

Brenda Mensch

Ediele Maria Rodrigues de Lima

Felipe Pergher

Gabriela Di Diego

Gabriel de Ávila Othero

Gabriele Pergher

João Manoel Pinto Alves

João Vicente Cardoso Kohem

Natália Fernanda Silveira da Pureza

Pietra Rafaela Antunes Krug

Coordenação editorial: Gabriel de Ávila Othero

Revisão ortográfica: PET Letras

Capa: Amanda Fernandes Alves

Foto: Acervo História do Instituto de Letras UFRGS

Projeto gráfico e diagramação: Rose Tesche

1ª edição em 2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

PPG Letras UFRGS : 50 anos de uma história : relatos pessoais / PET Letras, (orgs.) ; [coordenação Gabriel de Ávila Othero]. -- Porto Alegre, RS : Editora Noctua, 2022.

ISBN 978-65-00-48157-0

1. Programa de Pós-Graduação em Letras - Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) - História 2. Professores - Relatos I. PET Letras.
- II. Othero, Gabriel de Ávila.

22-116827

CDD – 378.155098165

Índices para catálogo sistemático:

1. Universidade Federal do Rio Grande do Sul : Programa de Pós-Graduação em Letras : História 378.155098165 Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380



índice

007	Prefácio
011	Anamaria Welp
027	Antonio Sanseverino
041	Carina Rebello Cruz
047	Carmem Luci da Costa e Silva
059	Elaine Indrusiak
085	Elisa Battisti
095	Gabriel de Ávila Othero
103	Ingrid Finger
117	Lucia Sá Rebello
125	Luciana Vinhas
139	Luís Augusto Fischer
185	Luiz Carlos Schwindt
191	Márcia Ivana Lima e Silva
209	Maria da Glória Bordini
213	Michael Korfmann
227	Silvana Silva
235	Simone Sarmiento
257	Ubiratã Kickhöfel Alves
285	Valdir do Nascimento Flores

michael korfmann

Professor titular. Possui graduação em Germanística – Universität Heidelberg (Ruprecht-Karls), mestrado em Germanística e Americanística na Freie Universität Berlin, doutorado em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e realizou pós-doutorado na Universidade de Bonn e Bochum, Alemanha. Atualmente, é professor titular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul com ênfase em Literatura Alemã e Literatura Comparada, atuando principalmente nos seguintes temas: Literatura e Cinema; Mídia e Arte Moderna; Teoria dos Sistemas e Literatura Alemã Contemporânea. Membro do Grupo de Pesquisa do CNPq: Transformações da Ficção: Novas Tendências na Literatura Alemã Contemporânea. Chefe do Departamento de Línguas Modernas (2003-2005). Editor da revista digital CONTINGENTIA (2006-2011). Responsável pelo Acervo Mário Peixoto na UFRGS: ufrgs.br/mariopeixoto; responsável pelo site sobre o escritor Leif Randt ufrgs.br/leifrandt; Coordenador das Literaturas Estrangeiras Modernas no Programa de Pós-Graduação em Letras/UFRGS (2007-2011); Membro do Conselho do Instituto de Letras (2009-2011); Membro do colegiado do Departamento de Línguas Modernas (2014-2018; 2021-2023); Membro da Comissão de Pesquisa (2007-2011); Membro da CAPLE - Comissão de Avaliação de Proficiência de Leitura em Língua Estrangeira (2006 -2010; 2021-).

Lo juntar as várias pontas que perfazem minha trajetória dentro do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, devo voltar a um tempo mais remoto, muito anterior a minha entrada nesta Universidade e no PPG-Letras. Quando se faz um exercício como este, muitas fases de nossas vidas se desvelam como essenciais na formação do que somos, mesmo que não estejam diretamente ligadas a atividades acadêmicas. Assim, minha vida e as respectivas experiências pessoais e profissionais, em diversos lugares e países, são certamente pedras fundamentais, que me levaram, em boa medida, a minha posição atual dentro do PPG-Letras da UFRGS.

Nascido e residente num município pequeno na Alemanha, sempre fui um frequentador incansável da biblioteca local, e assim começou minha dedicação à literatura, não só de língua alemã, mas de diversos países. Assim, entre leituras, futebol, escola, trabalhos nas férias de verão e, usando parte deste ganho para investir em viagens pela Europa, passou-se minha infância e juventude. Concluí o segundo grau com o Abitur (uma prova parecida com o vestibular, mas integrada ao último ano escolar). Em seguida fui chamado para prestar serviço militar (18 meses, na época obrigatório). E em 1976 pude finalmente iniciar meus estudos universitários. Matriculei-me em Germanistik e Amerikanistik na

Universidade de Heidelberg e na FU (Freie Universität) Berlin; tive minhas primeiras experiências profissionais como professor de alemão em Paris, França; fui Leitor do DAAD (Programa de Intercâmbio Acadêmico do Governo Alemão) na Universidade do Porto, Portugal; e trabalhei alguns anos como professor do Instituto Goethe em São Paulo, ministrando cursos de alemão em todos os níveis. Entre 1992 e 1994, fui professor visitante na UFRGS, no Setor de Alemão, e em 1995 prestei concurso na mesma universidade.

Como contei, iniciei meus estudos acadêmicos na renomada Universidade de Heidelberg em 1976, como bolsista do Governo Alemão (através do programa Bafoeg), com ênfase em literatura alemã e literatura inglesa-norte-americana. Na época, ainda não havia o esquema de créditos e era apenas necessário frequentar alguns seminários obrigatórios. Sobrava bastante tempo para se dedicar a assuntos e escritores de sua própria escolha. Dos diversos professores da época, posso destacar os seminários do Prof. Dietrich Scheunemann, sobretudo em relação às chamadas vanguardas no início do século XX. Encontraria o Prof. Dietrich décadas mais tarde, quando ele ocupava o posto de professor titular na University of Edinburgh e coordenava um projeto internacional sobre literatura e cinema avant-garde, do qual tive o prazer de participar com minhas contribuições sobre o filme brasileiro *Limite*, de Mário Peixoto.

Como na Alemanha (infelizmente) não há algo parecido com Iniciação Científica ou Monitoria, realizei o percurso tradicional de assistir seminários e fazer as provas, e assim me graduei em 1980. Em 1981, fiz diversas viagens. Lecionei alemão como língua

estrangeira em Paris, numa escola particular (Glossa), e passei uma estadia mais prolongada no Brasil, onde comecei a aprender português e ministrar cursos informais de língua alemã.

Em 1982, comecei a cursar o mestrado em literatura alemã na Freie Universität Berlin (FU) sob a orientação do Prof. Ulf Schramm. O tema tratava da recepção da chamada literatura documental dos anos 1960/70, sobretudo em relação à discussão da época sobre ficcionalidade e autenticidade. Além de frequentar seminários nessa área, participei de vários cursos no Instituto da América Latina (LAI) da mesma universidade, quase sempre ministrados pelo professor e conhecido tradutor de literatura brasileira, Berthold Zilly (tradutor, entre outros, de Euclides da Cunha, Lima Barreto e Raduan Nassar). Nesse período, também ministrei aulas de alemão para o então cônsul do Brasil em Berlim. Defendi a minha dissertação em 1984 e logo em seguida passei a trabalhar como professor de alemão para o Volkshochschule Zehlendorf, bem como para o Instituto Goethe local.

Em 1985, participei da seleção de Leitores para Portugal do DAAD (Programa de Intercâmbio Acadêmico do Governo Alemão) e conquistei o primeiro lugar dentre 15 candidatos. Trabalhei na Universidade do Porto entre 1985 e 1988, ministrando sobretudo cursos de língua e prestando aconselhamentos para candidatos interessados em estudar na Alemanha. Participei do programa para atualização contínua de professores portugueses de alemão, ministrando seminários, palestras e atividades didáticas.

De 1989 a 1992, fui professor do Instituto Goethe em

São Paulo, onde lecionei alemão como língua estrangeira em todos os níveis que o Instituto oferece, de Língua I até o nível mais alto (Großes Deutsches Sprachdiplom), como também cursos específicos, como alemão para juristas ou economistas. De 1992 a 1994, tive o prazer de ser professor visitante no Setor de Alemão do Instituto de Letras da UFRGS e em 1995 passei como primeiro colocado no concurso para Língua e Literatura Alemã e fui nomeado efetivo em 2 de agosto de 1995. Prestar concurso apenas com mestrado ainda era possível na época. Iniciei meu doutorado em 1999 (a defesa foi em 2002), em Literatura Comparada, já que não havia a possibilidade de doutorado em literatura alemã, sob a orientação da Profa. Gilda Bittencourt. Como a abordagem possuía uma interface com a sociologia, contamos com a coorientação da Profa. Professora Eva Samios (Ciências Sociais). Tratava-se de um estudo interdisciplinar com base na teoria dos sistemas desenvolvida pelo sociólogo alemão Niklas Luhmann (1927-1998), cujo objetivo era analisar a literatura alemã por volta de 1800 dentro de uma concepção histórica que via nesse período o ponto culminante da transformação de uma sociedade estratificada em direção a uma ordem social moderna, estruturada por sistemas diferenciados, como educação, economia, direito e literatura, que realizam uma determinada função e se caracterizam por suas comunicações específicas. Credenciei-me junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS no ano de 2003. A partir de então, tenho ministrado regularmente 12 a 16h/aula e em média uma disciplina na pós-graduação por ano, participo de bancas

de defesa, de concursos públicos e de seleção de bolsistas para os diversos programas que o Setor, em colaboração com o DAAD e o Instituto Goethe, oferece, realiza orientações de TCC, iniciação científica, mestrado e doutorado.

Após meu credenciamento em 2003, iniciei minhas atividades de pesquisa, orientação e de docência no PPG-Letras no âmbito do projeto de pesquisa: A vanguarda na literatura moderna (2002-2005). Fui logo integrado no grupo de pesquisa “O surrealismo e seus diálogos com a modernidade: aproximações interdisciplinares SURRDIAL/GpesqCNPqUFRGS.0381”, liderado pelo Professor Robert Ponge da UFRGS. Partimos da ideia que descrever parte da literatura no início do século XX através do conceito de *avant-garde* ou vanguarda implica refletir a respeito da concepção linear implícita neste termo: a vanguarda está na frente do quê? E como se pode conceber uma posição avançada senão por um olhar retrospectivo? Portanto, a discussão referente à vanguarda remete conseqüentemente a uma concepção geral da literatura moderna, ou seja, na medida em que o moderno está sendo permanentemente reavaliado também se revê a chamada vanguarda histórica. Isso se torna visível nos discursos pós-coloniais, nos *gender studies* ou nos representantes pós-modernos e suas críticas às descrições tradicionais do movimento vanguardista. Na reavaliação dos movimentos vanguardistas, a minha pesquisa fazia parte do projeto “Vanguarda e neo-vanguarda” da Universidade de Edimburgo, Escócia, liderado pelo Prof. Scheunemann, meu antigo professor na época

da graduação em Heidelberg. O projeto teve apoio financeiro da FAPERGS, o que possibilitou que, em 2003, o Prof. Scheunemann fosse trazido à UFRGS para ministrar um curso no Instituto de Letras sobre *European Avant-Garde in Literature, Art and Film 1910-1930*. Das discussões nesse âmbito surgiu um projeto de destaque sobre o lendário filme *Limite*, filmado em 1930 e exibido pela primeira vez em 1931, dirigido e escrito por Mário Peixoto, que se tornou, ao longo dos anos, um filme cult. Foi votado várias vezes como o melhor filme brasileiro já realizado e pode ser considerado a primeira e única referência para filmes brasileiros experimentais (apesar da problemática do termo) do cinema mudo. Na época, o filme existia apenas em VHS e era muito difícil assisti-lo no exterior ou obter informações em inglês a seu respeito.

Porque eu já apresentara e comentara o filme em diversas ocasiões, fui convidado para participar como palestrante num congresso internacional em Edimburgo no mesmo ano. Também criei uma página na internet (www.ufrgs.br/mariopeixoto) com informações básicas em português e inglês sobre o diretor e desde então tenho recebido inúmeros pedidos de informações de estudiosos do cinema de países como os Estados Unidos, França ou Espanha e realizado diversas viagens internacionais para mostrar e comentar a obra. Os trabalhos sobre Mário Peixoto, apesar de eu não os ter formalizado como projeto, acompanham desde então todas as etapas da minha atuação na UFRGS, ou seja, se tornaram um projeto permanente.

Entre 2005 e 2006, obtive uma bolsa de pós-doutorado do CNPq para aprofundar as relações entre fotografia e literatura na Universidade de Bonn, sob a orientação do Prof. Jürgen Fohrmann que, alguns anos mais tarde, se tornaria reitor da mesma universidade. O projeto partiu da convicção que os media – imprensa, fotografia, filme, TV, arquivos eletrônicos e redes de informação, entre outros – exercem um papel central na formação das estruturas sociais e suas características. Compreendemos os media como culturas de comunicação que co-definem a realidade social. A imprensa de Gutenberg não significou apenas um novo processo técnico, possibilitando cópias mais econômicas, mas redefiniu a comunicação social tradicional do boca-a-boca em direção a uma comunicação normatizada, específica e impessoal nos diversos sistemas sociais, consolidada no final do século XVIII. Esse processo torna-se visível, por exemplo, na implantação de bibliotecas, do mercado livreiro e, conseqüentemente, dos direitos autorais, ou na escolaridade pública baseada em conhecimentos escritos e, pelo menos potencialmente, acessíveis a todos.

De maneira geral, os estudos desse período foram bem aproveitados em disciplinas criadas por mim (A literatura e os media I e II) na pós-graduação, bem como em diversas orientações sob este aspecto. Depois de minha volta ao Brasil no início de 2006, também foi possível inserir, na área das Literaturas Estrangeiras Modernas (LEM) do PPG-Letras, a Literatura de Língua Alemã; as LEM até então eram formadas pelas Literaturas de Língua Inglesa, Francesa e Espanhola. Devido ao número pequeno de alunos no

Setor de Alemão, não realizamos a seleção para mestrado ou doutorado anualmente, mas conforme o interesse dos graduandos.

A partir de 2008, com a implementação de Literaturas em Língua Alemã no PPG-Letras, situei as pesquisas e minha atuação no âmbito das Literaturas Estrangeiras Modernas (LEM) e consequentemente participo, desde 2012, do grupo de pesquisa do CNPq “Transformações da ficção: novas tendências na literatura alemã contemporânea”¹⁷, liderado por meu colega Helmut Galle da USP.

O enfoque na literatura de língua alemã parece lógico já que atuo na graduação e na pós-graduação nessa área. Mas também tinha me distanciado um pouco de certas tendências e praxes comparatistas de transgressão. Formulei tais dúvidas no meu então projeto de pesquisa: Iluminação recíproca entre as artes (2008-2012).

O termo iluminação recíproca foi cunhado por Oskar Wazel numa publicação de quase um século atrás; o autor usou-o para analisar possíveis relações entre texto e imagem e o fez numa época em que os estudos comparatistas ainda não haviam se estabelecido como disciplina acadêmica em países como, por exemplo, a Alemanha. Enquanto os primeiros centros universitários comparatistas se constituem em Genebra (1866), Harvard (1890) e Lyon (1896), o mesmo somente haveria de acontecer na Alemanha após a Segunda Guerra Mundial, especificamente em 1947,

¹⁷ dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/6933750463325967

em Mainz, como resultado de pressões políticas visando a uma abertura internacional dos estudos literários, após o comprometimento de boa parte dos estudos germanísticos com a ideologia nazista. A formulação de Walzel talvez soe hoje um tanto ultrapassada, frente a conceitos correntes nos trabalhos comparatistas das últimas décadas como “intermedialidade”, “transmedialidade”, “hibridização” ou “contaminação de discursos”. Estes objetivam superar ou desfazer a divisão tradicional – iniciada por volta de 1800 com a institucionalização dos estudos literários como estudos estritamente textuais – entre as “ciências literárias” (como são chamados os estudos literários na Alemanha) e outras formas artísticas, tais como a música, a pintura, a fotografia ou o filme.

Outras vertentes não restringem seu campo investigativo à mera área artística, mas objetivam “transgredir” a própria demarcação entre expressões artísticas e outras áreas comunicativas da sociedade, frequentemente sob o título de “estudos culturais”. Um exemplo desse ponto de vista, referente aqui à imposição visual na sociedade como um todo, encontra-se no conceito de “visual culture” e o “pictorial turn”, conceitos popularizados por W. J. T. Mitchell, em sua publicação *Picture Theory*, de 1992. Aqui, o autor atribui às imagens o poder de constituir uma “common culture” (1992, p. 1) e constata que “the problem of the twenty-first century is the problem of the image” (1992, p. 2). No trabalho de Walzel, realizado ainda com dúvidas e justificativas sobre seu próprio procedimento comparativo e restrito a estabelecer inter-relações apenas no campo artístico, o ponto oposto pode ser exemplificado pela

publicação da professora e pesquisadora holandesa Mieke Bal, de 1991, chamado *Reading Rembrandt*. Ela oferece leituras alegóricas a partir de quadros e esboços do pintor holandês, dentro de uma concepção e de uma semântica feminista e psicanalítica. Bal declaradamente não pretende uma “historical reconstruction” (1991, p. 391), mas a produção de um “cultural text” (1991, p. 11), num “radically reception-orientated approach” (1991, p. 6), que instiga “speculative fertility” (1991, p. 3). Bal avisa: “Once we read in this mode, there is little to stop us” (1991, p. 71). Assim, frente a um esboço de cabeças de Rembrandt – aparentemente um estudo a ser aproveitado numa pintura posterior – ela constata que é difícil “not to see them as a group of people who are not too happy to be stuck together” (1991, p. 221). Impulsionada por um dos olhares no quadro, Bal vê que “diegetic focalization thus emerges” e se pergunta, “whether the imagined viewer is the viewer of a theatrical spectacle his looking brings into being” (1991, p. 222). Frente a tais discursos ou, como a própria autora define, “semiotic attitude that ahors meaninglessness” (1991, p. 202) surge então a dúvida: até que ponto se deve aceitar ou desejar tais discursos, supostamente científicos e declarados como abordagens comparatistas, nos quais o próprio objeto do estudo é eliminado em favor de uma produção semântica que poderia muito bem existir sem seu objeto de partida? A partir desta dúvida e frente a tais exageros no elemento produtivo em certas abordagens teóricas – frequentemente estimulados por conceitos como “hibridização” ou “contaminação de discursos” –, opta-se aqui pelo título “iluminação recíproca entre as artes”

como ponto de partida. Tal título evidentemente restringe seu campo de atuação ao campo artístico e às relações entre suas diversas formas artísticas, como texto e imagem. Pode-se entender tal renúncia a uma “enredificação” cultural ampla em favor de um olhar restrito ao campo artístico estético como posição à margem do cenário comparatista atual. No entanto, sabemos que as distribuições entre centro e margem estão em constante movimento e que há infinitas tentativas de derrubar cânones consagrados ou tradições estabelecidas a partir da margem. Além do mais, esta “reconfiguração do espaço” é justamente uma das facetas destacadas do comparatismo atual, de modo que nossa posição, se for mesmo marginal no cenário atual, encontrar-se-ia então numa tradição bem consolidada nas concepções teóricas e, quem sabe, apenas temporariamente nesta posição marginal. Portanto, a “iluminação recíproca entre as artes” aponta para uma concepção que restringe-se a ver e comparar as relações – ou diálogos – entre as diferentes formas artísticas. Com isso, partimos de uma área comunicativa artística que é autônoma e específica, diferente e diferenciada de outras áreas comunicativas como direito, educação, religião, ciência, entre outras.

Creio que juntar nesse relato as várias pontas dos meus interesses acadêmicos me fez olhar com atenção para as várias dimensões que meus interesses pessoais tomaram durante estes anos todos: por um lado, minha dedicação à literatura, por outra, meu interesse e minha curiosidade pela tradução e pelas questões envolvidas nestas transposições linguísticas e culturais.

Neste momento de meu percurso, acredito que há um legado de que me orgulho: a inserção das Literaturas em Língua Alemã no PPG-Letras, minha contribuição para que a obra de Mário Peixoto fosse reconhecida internacionalmente, o fechamento de certa lacuna sobre os escritores exilados no Brasil com os trabalhos sobre Rideamus, e os esforços para que o PPG-Letras se integrasse mais na rede acadêmica global através de diversos projetos e convênios com, por exemplo, o DAAD, o Intercâmbio Acadêmico do Governo Alemão. Imagino meus próximos anos no Instituto de Letras na mesma direção na esperança de que as condições que nosso Programa oferece, possam atrair mais estudantes, mas sabemos tudo isso depende sobretudo das chances profissionais futuras dos graduandos e pós-graduados.

Por fim, gostaria de agradecer aos colegas que compartilham comigo a tarefa de manter a qualidade do tripé da vida acadêmica, mesmo diante das adversidades e contratempos eventuais.

• • •